

## **“Fazer das pedras que atiram em mim o meu castelo” – Uma atitude musical de Fernanda Aoki Navarro ao machismo dominante.**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: MUSICOLOGIA E ESTÉTICA MUSICAL

*Tânia Mello Neiva*  
taniamelloneiva@gmail.com

**Resumo:** Neste artigo abordo a peça *Homage to Bruno Mantovani* da compositora Fernanda Aoki Navarro – música composta como resposta a uma entrevista dada pelo compositor Bruno Mantovani. A partir do exemplo musical de Fernanda Aoki e apoiada em autores como Lopez, Espinoza-Vera, Perrot, Bourdieu e outros, proponho um debate sobre como o campo da música erudita reproduz discursos e práticas machistas, exclusivistas e de privilégio. Ao mesmo tempo apresento táticas de questionamento e combate aos mesmos.

**Palavras-chave:** Fernanda Aoki Navarro. Bruno Mantovani. Feminismo. Sarcasmo.

**“When life gives you rocks, build a castle” – A musical attitude of Fernanda Aoki Navarro towards the dominant sexism.**

**Abstract:** In this paper I'll approach the piece *Homage to Bruno Mantovani* composed by Fernanda Aoki Navarro – music composed as an answer to an interview with the composer Bruno Mantovani. Taking Fernanda Aoki Navarro's music example and supported by authors such as Lopez, Espinoza-Vera, Perrot, Bourdieu and others, I pose a debate about how the classical music field reproduces speeches and sexist practices, exclusionary and of privilege. At the same time, I present tactics that question and fight those speeches and practices.

**Keywords:** Fernanda Aoki Navarro. Bruno Mantovani. Feminism. Sarcasm.

### **1. Fernanda Aoki Navarro**

Fernanda Aoki Navarro é compositora e pianista paulistana. A artista começou a compor já na universidade no curso de composição musical da Faculdade de Música da Escola de Comunicações (ECA) e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Graduou-se em composição em 2008 e em 2011 deu continuidade aos estudos em composição musical no mestrado na University of California, Santa Cruz. Hoje, Fernanda Aoki é doutoranda em composição musical na University of California, San Diego.

A compositora transita por diversas práticas musicais como a música de concerto escrita e estrita para instrumentos convencionais com formação solo ou de grupo, pela música eletroacústica, por instalações, *site specific*, performances, trilhas e outros. Sua obra é diversa. Neste artigo, contudo, me debruço sobre uma peça composta dentro de um contexto muito específico, que, a meu ver, demonstra o caráter político da compositora e nos leva a questionamentos sobre a produção musical da chamada *música séria*, os discursos implicados nela e algumas possibilidades de ação, sejam elas sarcásticas, satíricas e/ou generosas.



**Figura 1 Fernanda Aoki Navarro.**  
**Foto: Felipe Rossi.<sup>1</sup>**

## **2. A entrevista e o concerto XX**

A obra abordada é *Homage To Bruno Mantovani*. Uma peça eletroacústica composta em 2014 de pouco mais de cinco minutos. Composta como resposta a uma entrevista dada pelo compositor Bruno Mantovani (atual diretor do Conservatório Nacional de Música e Dança de Paris) à rádio *FranceMusique*, na qual o compositor foi questionado sobre a participação das mulheres na música e especificamente na carreira de regência. Sua resposta suscitou uma série de contra respostas em vários países e foi tema da música de Aoki.

O compositor fala, entre outras coisas, que as mulheres têm “objetivos diferentes daqueles dos homens” e que “não se interessam especialmente pela regência”. Diz ainda que “há o problema da maternidade” pois a carreira de regência pressupõe muitas viagens “impossibilitando a mãe de ficar junto de seus filhos”. Diz que é uma carreira muito exigente fisicamente pois precisa “reger, pegar avião, pegar outro avião, reger de novo” sugerindo que o desafio é grande demais para as mulheres. Termina esse trecho da entrevista dizendo que não acredita haver “discriminação negativa” em relação às mulheres e que não acha que deve haver “discriminação positiva” também (como sistema de cotas, por exemplo), pois nas palavras do compositor: “Para mim, a única discriminação, não importa em qual disciplina, é o exame de admissão ou concurso. ” (MANTOVANI, 2014, em entrevista à rádio *FranceMusique*)<sup>2</sup>

A fala de Mantovani reproduz ideologias de privilégio e exclusão, como já apontado por feministas e pesquisadores em discursos similares. A ideia da meritocracia como

a maneira mais justa de ingresso no meio musical erudito vela uma realidade em que grande parte da população simplesmente não tem acesso a esse meio. É um campo cujas regras de participação são extremamente excludentes por exigirem de seus agentes uma formação muito específica, a qual historicamente tem sido privilégio de poucos, estando as mulheres e muitas outras *minorias políticas e sociais* distanciadas desse grupo com o discurso de não *serem capazes* de participarem dele, por questões *naturais e fisiológicas*. É exatamente esse o discurso do compositor. Apelando para a *natureza* da mulher (a de ter a possibilidade da maternidade) e afirmando a lisura meritocrática nos processos de admissão, o compositor justifica a pouca representação feminina na área da regência na música erudita. Não percebe que se as mulheres não escolhem a regência ou qualquer outra carreira não é devido a uma condição natural delas. Cabe aqui a fala da historiadora Cândida Martinez Lopes:

Em verdade, devemos saber que a meritocracia tem seus riscos. Primeiro, não há critério uniforme de mérito; segundo, não há um ponto equânime desde o qual o mérito seja reconhecido ou retribuído. Portanto, ainda que em uma situação ideal meritocrática as mulheres sejam favorecidas, como essa situação não existe, medidas de discriminação positiva são sempre necessárias simplesmente para que se produza a justiça como ponto de partida. (...). De outras tramas estamos excluídas a priori. (LOPEZ, C., 1995: 55 em YANNOULAS, VALLEJOS e LENARDUZZI, 2000: 440).

Muitos podem ser os motivos para a menor participação ou para uma sensação de menor participação das mulheres no campo da regência em relação aos homens, como por exemplo: 1) A própria formação de identidade de gênero em que a menina, ainda criança, é formada acreditando não poder e não dever ocupar espaços de grande exposição pública, colaborando na manutenção cíclica de *exclusão*, ou pouca representação, das mulheres de algumas carreiras específicas. (MATOS e BORELLI, 2012; PERROT, 2008; BOURDIEU, 2003); 2) A mulher ocupa carreiras específicas como a regência, por exemplo, mas não é reconhecida da mesma maneira que o homem, sendo vítima de um sistema machista em que não é valorizada pelo simples fato de ser mulher. (PERROT, 2008; WOLF, 1992); 3) A regência se constitui como um campo de poder na música erudita em que os signos do *masculino* e *feminino* são reproduzidos de forma naturalizada, dentro de uma concepção dicotômica do mundo na qual o *masculino* representa o bom, a verdade, o racional, o claro, o certo, a cultura e o *feminino* todo o seu oposto: o mau, o falso, o irracional, o escuro, o errado, a natureza. Essa visão dicotômica assume os opostos como incompatíveis e relaciona o *masculino* ao *homem* e o *feminino* à *mulher* e hierarquiza a relação entre eles promovendo o *masculino* e, conseqüentemente o *homem*, a um lugar elevado. Assim, não só o que é simbolicamente considerado *feminino* é evitado e menosprezado nesse campo, como a *mulher* também o é. Sendo a posição de regente uma posição de liderança, de controle, ela é

“naturalmente” alinhada com o masculino e o homem. (PERROT, 2008; BOURDIEU, 2003; MCCLARY, 2002; CUSCIK, 2001; GROSZ, 2000; MIGUEL, 2000).

Ao se deparar com o discurso machista do compositor, Fernanda Aoki Navarro compôs sua peça *Homage To Bruno Mantovani* e a mostrou para algumas colegas do curso na UCSD. Nasceu, então, a ideia de fazer um concerto só com compositoras da instituição.

A gente começou a trocar várias histórias de coisas que estavam rolando de figuras importantes que lidam com a mulher dessa maneira - como se a gente fosse um estorvo, incapaz, ou inferior... como se a gente fosse, enfim, essencialmente muito diferente deles e que não pudesse executar as mesmas funções. E aí eu sugeri: “Porque a gente não faz um concerto falando sobre essa babaquice dessa entrevista?” (AOKI, 2015)<sup>3</sup>

O processo de construção do concerto virou uma arena de discussão sobre os papéis da mulher nas sociedades, sobre os discursos dominantes que são em sua maioria normatizados e naturalizados dentro de um patriarcalismo. Houve contradição. O concerto, intitulado “XX”, foi inserido no festival de música contemporânea que dura uma semana e ocorre anualmente na UCSD, o *SpringFest*.<sup>4</sup>, no dia 15 de abril de 2014. A música de Aoki foi a vinheta do concerto.<sup>5</sup> Neste concerto foram apresentadas mais outras sete compositoras.

### **3. *Homage to Bruno Mantovani***

A peça é uma colagem de trechos da entrevista em francês e em inglês<sup>6</sup>, trechos de músicas tipo vinheta de jornais televisivos, de músicas tipo *lounge*, sons de vozes masculinas e femininas gemendo, sons de voz feminina infantil “tirando sarro” e alguns outros sons. É uma peça, nas palavras da própria compositora, “sarcástica e ao mesmo tempo leve”. Foi composta como reação à entrevista, como forma de protesto e força criativa:

A repetição com a voz do Bruno no fundo, simboliza um pouco o machismo reverberando e machucando, nos fazendo perder a cabeça, nos fazendo ficar tristes e confusas. MAS, ao mesmo tempo, isso pode ser combustível para criar material musical e, ao invés de deixar que o machismo “vença”, eu achei uma maneira de lidar contra o machismo, usando manifestações machistas, de maneira criativa. Algo do tipo: “fazer das pedras que atiram em mim o meu castelo” (AOKI, 2016)<sup>7</sup>

Como proposto por Lousada em *Humor e feminismo, qual é a graça?...<sup>8</sup>*, o humor, através da ironia, do sarcasmo, da paródia e da sátira, é uma ferramenta frequente de crítica. É usado, com frequência, na denúncia de modelos patriarcais machistas e de desconstrução desses modelos através da exposição ao ridículo. Isso também é apontado por Espinoza-Vera (2010) quando aborda obras literárias de escritoras latino-americanas que fazem uso do humor em obras feministas:

A partir de uma perspectiva crítica, o atributo mais importante do humor é sua capacidade de desafiar o discurso ideológico dominante representando meticulosamente suas contradições e absurdos e, ao mesmo tempo, expô-los ao ridículo. Assim mesmo, o humor pode ser utilizado como um mecanismo de defesa

ou uma arma frente à dor e ao domínio de uma classe predominante. (ESPINOZA-VERA, 2010: 03)<sup>9</sup>

O caráter sarcástico e irônico em *Homage...* é evidenciado de diversas maneiras. Originalmente a fala do compositor foi realizada em um lugar de alto prestígio e capital simbólico (BOURDIEU, 2003): “o compositor, discípulo de Pierre Boulez, diretor do Conservatório de Música e Dança de Paris, falando à rádio *FranceMusique*. ” Quando deslocada de seu lugar de origem e colocada recortada e permeada por uma música considerada *de elevador* (referência à música *lounge*), a fala do compositor é redimensionada simbolicamente facilitando a percepção de um discurso machista e exclusivista. Ao mesmo tempo, perde a *aura* de seriedade que o seu *posto* original lhe confere. Esse mesmo recurso é usado quando a compositora entrecorta a fala de Mantovani com músicas que remetem às vinhetas de telejornais. Essas ferramentas podem ser interpretadas como ironia, dentro da concepção de que o discurso diz uma coisa, mas a mensagem é o oposto do que está sendo dito (ESPINOZA-VERA, 2010; LOUSADA, 2013, ZAVALA, 1992). Também recorre à mecanismos mais imediatos como, por exemplo, ao usar a voz de uma menina *tirando sarro* das falas do compositor: “o fato de eu ter escolhido uma voz de uma menina criança, para mim, simboliza o futuro - nossas filhas, cagando, andando e brigando contra o machismo” (AOKI, 2016)<sup>10</sup>. É a compositora mostrando seu total desprezo pelo discurso implicado na fala de Mantovani. Ainda, é possível perceber a preocupação da compositora com o entendimento do discurso. Ela usa o áudio em inglês para uma plateia nos Estados Unidos. Nesse sentido a compositora assume um papel pedagógico e até *generoso*, termo usado por ela mesma.<sup>11</sup> A fala em francês, na voz original do compositor, no entanto, está também presente ao longo de toda a música, não nos deixando esquecer de que se trata de algo além dos Estados Unidos, ou da língua inglesa. Que se trata de um discurso que percorre o mundo da música erudita nos seus espaços e agentes de maior prestígio, estando o Conservatório de Paris como um dos grandes representantes deste. Além de ser usado como fonte para superação da dor e do sofrimento causado por esses machismos que imperam, como mostra a fala de Aoki já citada. A compositora também usa do recurso da repetição. Ela repete ao longo de toda a peça praticamente os mesmos trechos da entrevista. São eles: 1) O trecho em que o compositor fala sobre estar perturbado com tanta fala sobre paridade;<sup>12</sup> 2) em que fala sobre como as mulheres têm ambições diferentes das dos homens e que os processos de admissão por prova ou concurso não são discriminatórios, e como acredita que não deveriam ser (no caso de discriminação positiva);<sup>13</sup> 3) Sobre como as mulheres não estão necessariamente interessadas na regência, e que não é possível colocar uma baioneta nas

costas de cada mulher compositora ou instrumentista que tenha capacidade de ser regente para que ela siga a carreira;<sup>14</sup> 4) Sobre como a regência é exigente fisicamente e as mulheres não estão aptas para tais exigências por uma condição natural, pois elas querem ser mães e a maternidade é praticamente incompatível com a carreira de regência;<sup>15</sup> 5) Outra fala bastante repetida na música e que não faz parte da entrevista de Mantovani foi a fala: “Fichário cheio de mulheres”, que se refere às eleições presidenciais nos Estados Unidos em 2012 em que o candidato Mitt Romney (republicano) usou essa expressão com o intuito de ganhar votos femininos, e teve uma repercussão bem negativa de modo geral.<sup>16</sup>

Esses são os principais trechos da entrevista que Fernanda Aoki repete em sua peça, com o intuito (expresso explicitamente em entrevista comigo em São Paulo no dia 03/08/2015) de escancarar uma ideologia. No último trecho da música, em que a compositora explora a fala sobre maternidade, ela coloca sons de gemidos ao fundo, nos remetendo ao lugar do corpo (momento dos corpos de concretizar a maternidade e a paternidade), do prazer, explicitando a dicotomia sugerida por Mantovani entre corpo/mente natureza/cultura, mulher/homem. Como já dito anteriormente, Mantovani recorre ao argumento fatalista e biológico para dizer que as mulheres não servem (ou servem *menos*, em relação aos homens) para a carreira de regência. Ao se referir à mulher como condicionada ao seu papel de mãe, o compositor usa a dicotomia natureza/cultura historicamente associada à mulher/homem como argumento. Esse tipo de argumento vem sendo questionado por movimentos feministas, por pesquisadores em história das mulheres, em gênero e outros, pois é baseado na ideia de essência do homem e da mulher, naturalizando uma construção social. (BEAUVOIR, 1980; GROSZ, 2000, BOURDIEU, 2003 e tantos outros).

A compositora finaliza a peça com um som de descarga logo após uma fala de Mantovani. É explícito e direto. Ela considera o discurso do compositor excremento que deve ser descartado no vaso sanitário.

#### **4. Breve reflexão**

Ao trabalhar com o tema do machismo na música erudita, a compositora expôs através do sarcasmo e da ironia como o discurso que vem imperando nos mais altos cargos do campo, (MCCIARY, 2012; CUSICK, 2001; NOGUEIRA, ROSA; 2015 e tantas outras e outros), está dentro de uma redoma, de uma bolha e não dialoga com o que acontece ao seu redor. Cegos e surdos aos movimentos sociais que vêm pautando discussões na academia desde a década de 1970, esses representantes da *grande música séria* insistem em reproduzir discursos e práticas exclusivas e exclusivistas, as quais lhes garante prestígio e status. Ora, o mundo vem mudando há muito tempo, e as mulheres que sempre trabalharam também



passaram a ocupar as profissões ditas masculinas. Sua representação ainda é menor, seja por menor quantidade real, seja por invisibilidade simbólica. A valorização do seu trabalho é diferenciada, tendo menor reconhecimento e menores salários do que os homens que ocupam as mesmas posições. Para isso existem respostas de todos os tipos. A de Fernanda Aoki Navarro e de tantas outras compositoras está na sua produção, na sua composição e nas propostas explicitamente provocativas de protesto que expõe um problema de ideologia.

#### **- Livro**

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo 2: A Experiência Vivida*. [Trad. Sérgio Millet]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOUDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. [Tradução: Maria Helena Kühner]. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MCCLARY, Susan. *Feminine Endings: music, gender and sexuality*. 2ª Ed. Minnesota: University Press, 2002.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. [Tradução: Angela M. S. Corrêa]. São Paulo: Contexto, 2008

WOLF, Margery. *A Thrice Told Tale – feminism, postmodernism and ethnographic responsibility*. Stanford: Stanford University Press, 1992.

#### **- Capítulo de livro ou verbete assinado em enciclopédia**

CUSICK, Suzanne. Gender, Musicology and Feminism. In COOK, Nicholas; EVERIST, Mark. *Rethinking Music*. 2ª Ed. New York: Oxford University Press, 2001. 471-499

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço Feminino no Mercado Produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das Mulheres No Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. 126-148.

#### **- Artigo em Periódico**

ESPINOZA-VERA, Marcia. El humor como estratégia feminista en la obra de escritoras contemporâneas de America Latina. In: *Razon y Palabra*, V. 73, 2010.

LOUSADA, Isabel. Humor e Feminismo: qual é a graça? A sátira de Maria O'Neill ou a contradança dos sexos. In: *Historiæ*, Rio Grande, v. 4, n.2, p. 91-102, 2013.

GROSZ, Elizabeth. Corpos Reconfigurados. In: *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 14, p. 46-86, 2000.

NOGUERIA, Isabel; ROSA, Laila. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga. In. *Revista Vórtex*. V. 3, n. 2, p. 25-57, dezembro 2015.

ZAVALA, Lauro. Para nombrar las formas de la ironia. In: *Discurso*, p. 59-83, 1992.

#### **- Material audiovisual (Imagem em movimento) em meio eletrônico:**

FERNANDA.AOKI.NAVARRO. Página da compositora:  
<http://www.fernandanavarro.net/about.html>

CHRIS.SWITHINBANK. Página de Chris Swithinbank na qual é possível encontrar áudio da entrevista de Bruno Mantovani e trecho traduzido para o inglês, bem como a resposta do compositor às críticas recebidas. <http://chrisswithinbank.net/2013/10/bruno-mantovani-female-conductors/>.

## Notas

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.fernandanavarro.net/about.html>

<sup>2</sup> A entrevista foi transcrita por Fabienne Séveillac em francês e traduzida para o inglês por Chris Swithinbank que postou trechos da tradução em seu site: <http://chriswithinbank.net/2013/10/bruno-mantovani-female-conductors/> no qual postou também o áudio da entrevista completa e a resposta de Bruno Mantovani às reações provocadas por sua fala.

<sup>3</sup> Depoimento dado em entrevista realizada comigo no dia 03/08/2015 em um café em São Paulo. A entrevista foi gravada para fins acadêmicos com autorização da compositora.

<sup>4</sup> <http://ucsdmusic.blogspot.com.br/>

<sup>5</sup> O programa pode ser visto no link: [http://musicweb.ucsd.edu/concerts/concert\\_programs/2013-14/Spring%202014/20140412-SF03.pdf](http://musicweb.ucsd.edu/concerts/concert_programs/2013-14/Spring%202014/20140412-SF03.pdf). De Fernanda Aoki a peça que compôs o programa foi *Pink*, uma peça para voz feminina e grupo de câmara com temática feminista.

<sup>6</sup> A compositora usou o programa da google que transforma texto em fala para obter a tradução em som do francês para o inglês.

<sup>7</sup> Em comentário sobre a peça feito em troca de e-mails comigo no dia 28/03/2016.

<sup>8</sup> Neste texto a pesquisadora aborda a obra literária de Maria O'Neill (1876-1932) feita em parceria com o ilustrador e cartunista Stuart Carvalhais (1887-1961) caracterizada pela sátira, ironia e sarcasmo em relação à sociedade da época, em especial às mulheres que tentavam mascarar suas idades através de vestimentas, comportamentos e maquiagem. Lousada aponta como o humor era usado dentro de uma perspectiva feminista de crítica aos modelos sociais.

<sup>9</sup> Minha tradução.

<sup>10</sup> Em comentário sobre a peça feito em troca de e-mails comigo no dia 28/03/2016.

<sup>11</sup> Em entrevista comigo a compositora falou em generosidade na música, por exemplo quando se referia à uma música específica *Pink*, já citada aqui, em que admite compor pensando também no seu ouvinte, buscando estratégias para o diálogo. Dessa forma, o uso, por exemplo, de um pulso, é uma atitude *generosa*, pois é algo em que o ouvinte pode se *segurar*, algo do qual ele pode se apropriar e então, fruir melhor. A *generosidade* também é trazida por Fernanda ao falar sobre atitudes pedagógicas acadêmicas e do cotidiano. Em relação às atitudes machistas, por exemplo, uma reação generosa pode ser a de mostrar para a pessoa machista aonde está o seu machismo. Assim, concluo eu, em *Homage to Bruno Montavani*, a compositora assume uma atitude prioritariamente sarcástica, mas em relação aos seus ouvintes, é pedagógica e *generosa*. Ela traduz para o inglês, ela usa mecanismos diretos e explícitos de questionamento e de posicionamento em sua música.

<sup>12</sup> Em: <http://chriswithinbank.net/2013/10/bruno-mantovani-female-conductors/>.

<sup>13</sup> Em: <http://chriswithinbank.net/2013/10/bruno-mantovani-female-conductors/>.

<sup>14</sup> Em: <http://chriswithinbank.net/2013/10/bruno-mantovani-female-conductors/>.

<sup>15</sup> Em: <http://chriswithinbank.net/2013/10/bruno-mantovani-female-conductors/>.

<sup>16</sup> A expressão “Fichário cheio de mulheres” se refere à “Binder full of women”. O processo de idealização do concerto virou um grande grupo de discussão sobre feminismos, papéis das mulheres, machismos, discursos e práticas dominantes, normatividade patriarcal e outros. Durante esse processo Aoki e suas colegas discutiram muitos casos em que o machismo aparecia apagando a autonomia e a capacidade feminina e chegaram à polêmica frase usada na campanha presidencial de Mitt Romney (republicano) que concorria com Barack Obama. Para ver mais informações sobre a polêmica e sobre os debates que surgiram dela, ver:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Binders\\_full\\_of\\_women](https://en.wikipedia.org/wiki/Binders_full_of_women)

<http://www.cnn.com/2012/10/17/opinion/cardona-binders-women/>

[https://www.google.com/search?q=binder+full+of+women&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjuxaHSm-TLAhXGQSYKHdLgCmcQ\\_AUICSgD&biw=1280&bih=671](https://www.google.com/search?q=binder+full+of+women&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjuxaHSm-TLAhXGQSYKHdLgCmcQ_AUICSgD&biw=1280&bih=671)